
Territorialidades urbano-comunicacionais: um estudo etnográfico do Parque Minhocão/SP¹

Andréia Lazzari CHIOVATTO²
Simone Luci PEREIRA³
Universidade Paulista, UNIP, São Paulo, SP

RESUMO

O presente artigo investiga territorialidades urbano-comunicacionais do Parque Minhocão e seu entorno, localizado na cidade de São Paulo. A pesquisa justifica-se pela forma em que as questões sociais e culturais estão relacionadas neste território à gentrificação, tendo como objetivo compreender as tensões e contradições entre a imagem de uma cidade acolhedora na parte superior e a realidade social na parte inferior do elevado. A metodologia empregada envolve a realização de revisão bibliográfica e a utilização da etnografia como abordagem de pesquisa permitindo uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas e das experiências vivenciadas no território do Parque Minhocão.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação urbana; etnografia; parque Minhocão

Introdução

Este artigo aborda aspectos de pesquisa ainda em andamento, que pretende investigar e analisar as observações realizadas a partir de uma experiência etnográfica na parte superior do Elevado Presidente João Goulart, popularmente “Minhocão” ou “Parque Minhocão” (quando este fecha aos automóveis nos fins de semana para práticas sociais de lazer e esporte); e na parte inferior que passa paralelamente ao elevado, na imediação das ruas Amaral Gurgel, Consolação, Martim Francisco, Major Sertório, Graça e Albuquerque Lins.

Pensando que andar com um olhar atento pelas ruas, é um convite para descobrir a cidade de uma maneira mais profunda e significativa, percebendo as múltiplas camadas por trás de cada esquina e de cada interação social, esta pesquisa justifica-se pela forma com que as questões sociais e culturais estão relacionadas neste território ao processo de gentrificação,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Graduada em Artes Visuais pela FMU e mestranda em Comunicação no PPG Comunicação – Universidade Paulista – UNIP (Bolsista UNIP). Pesquisadora do GP (CNPq) URBESOM., email: chiovatto.andreia@gmail.com

³ Professora/pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Universidade Paulista – UNIP. Bolsista do CNPq (Produtividade em Pesquisa). Doutorado em Ciências Sociais – Antropologia e Pós-Doutorado em Comunicação. Líder do GP (CNPq) URBESOM, email: simonelp@uol.com.br

tendo como objetivo compreender as tensões e contradições entre a imagem de uma cidade acolhedora na parte superior e a realidade social precária na parte inferior do elevado. A metodologia empregada envolve a realização de revisão bibliográfica e a utilização da etnografia como abordagem de pesquisa permitindo uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas e das experiências vivenciadas no território do Parque Minhocão.

Olhar para a cidade a partir de um estudo etnográfico, é uma maneira de resgatar a importância e a complexidade do espaço público como um lugar de encontro e de convivência, de diálogo e de troca entre as diferentes culturas e modos de vida que coexistem na cidade. Conforme Cole (2008), a cidade se estrutura a partir de um acúmulo de significados que geram cultura, e sua comunicabilidade sempre será rica, mutável e em processo de transformação. É também compreender como as pessoas criam, vivenciam e interpretam seus espaços urbanos, onde diferentes grupos e indivíduos interagem, produzem e reproduzem suas culturas e seus modos de viver.

Para Eckert e Rocha (2003), a cidade é igualmente tensão, anonimato, indiferença, desprezo, agonia, crise e violência; uma estrutura de relações sociais, economia e mercado; é política, estética e poesia, e portanto, o caminhar como ferramenta de pesquisa é um deslocamento que proporciona uma experiência de percepção estética de memórias e narrativas coletivas que provocam reflexões e significações sobre o território urbano e suas multiplicidades existenciais. De acordo com Raposo (2019), o trabalho etnográfico deve buscar novas maneiras de perceber o ambiente, libertando-se das restrições das palavras. A etnografia realizada no entorno do Minhocão utiliza como material de análise textos que exploram imagens e contextos, em uma aposta sempre aberta nas possibilidades de renovação do pensamento e reflexão.

Nesse sentido, uma ferramenta importante para compreender as dinâmicas e os desafios presentes no tecido urbano escolhido, com base nos estudos existentes sobre as cidades contemporâneas, como a exclusão social, as desigualdades urbanas, a violência, as formas de resistência social e a diversidade cultural, indicados nos estudos de antropologia, etnografia e territorialidade urbano-comunicacional.

Caiafa (2002), afirma que a cidade é a convergência de fluxos diversos que provocam um território heterogêneo, o que já configura um espaço comunicacional e portanto, o experienciar a cidade já é uma formulação de afetação de comunicação a partir desses fluxos de diferenciações. Conforme Caiafa (2017) e Pereira, Rett e Bezerra (2021) a noção de

comunicação urbana colabora para a compreensão da cidade a partir de meios, mediações e redes que se formam e se refazem constantemente a partir das práticas culturais, processos comunicacionais e políticos, mobilidades, imaginários produzindo maneiras de conectar sujeitos com os espaços urbanos articulando sob uma perspectiva comunicacional a territorialidade do entorno e do próprio Parque Minhocão.

Os sujeitos vivem no limite entre a fixação e a mobilidade, entre a exclusão e a resistência, o que nos leva a uma compreensão crítica e plural do território e de suas implicações sociais. No caso do Parque Minhocão, importante atentat para como isso gera dicotomias e contradições das narrativas urbano-comunicacionais. Portanto, é nosso objetivo analisar esses aspectos e contribuir para uma visão mais abrangente e profunda do ambiente urbano em questão, buscando compreender suas complexidades, desafios, potenciais transformadores e sentidos comunicacionais. Ao compreender as narrativas das territorialidades urbano-comunicacionais do Parque Minhocão e seu entorno, buscamos promover uma análise crítica plural do território e de suas implicações sociais.

Experiências etnográficas na parte superior e inferior do elevador presidente João Goulart

Como instrumento do trabalho etnográfico, mostra-se importante, segundo Eckert e Rocha (2003), utilizar além da caminhada, mapas, livros de história, folders turísticos, álbuns fotográficos, fichas de documentários, visitas a internet a partir de palavra-chave e registrar por meio de fotos e vídeos o que o território pesquisado mostra. A etnografia realizada no entorno do Minhocão utiliza como material de análise textos que exploram imagens e contextos, em uma aposta sempre aberta nas possibilidades de renovação do pensamento e reflexão.

Sob o sol alto do meio-dia, sentamo-nos em um dos bancos instalados pela prefeitura no "Parque Minhocão". Ali, ao contemplar o horizonte, nos deparamos com uma extensa tonalidade de cinza que contorna toda a paisagem. O asfalto e o céu contrastavam, enquanto os edifícios evocavam tempos divergentes e pessoas passavam por nós, em um momento sem pressa no meio da cidade de São Paulo. É fácil se acostumar com essa paisagem.

Desde 2015, quando foi fechado aos finais de semana, o elevador Pres. João Goulart, apelidado de Minhocão, por ser uma via elevada com curvas sinuosas, virou um espaço de arte e socialização para diversos artistas, coletivos e atores urbanos. No meio dessa ambiência, em uma varanda de um dos prédios que cercam o elevador, um cartaz trazia a frase “o amor é um ato revolucionário”. Parecia que o amor estava ali representado naquela via elevada: um amor

pelo espaço urbano, lembrando que as ilustrações nos enormes murais nas fachadas cegas dos edifícios levantando pautas sobre identidades étnico-raciais.

A impressão que se tem ali é que a cidade de São Paulo é acolhedora, difusora de arte ativista e uma grande organizadora de eventos, pois uma estrutura é montada por todo o trajeto do parque com bancos, *puffs*, espreguiçadeiras, banheiros químicos, jogos em tamanho grande - como xadrez e dama-, área de patins e manobras para *skate* e diversos monitores para organizar as atividades.

Havia ainda grande quantidade de pessoas se exercitando, utilizando bicicletas, patins ou apenas caminhando devagar conversando com conhecidos. Percebi a grande quantidade de pessoas brancas, que aparentavam ser de uma classe social com certo poder aquisitivo, por seus equipamentos, roupas, e até pelas conversas ouvidas sobre finanças e viagens pelos passantes dali. Pudemos observar uma mulher negra com uma câmera fotográfica, recostada em um dos bancos instalados provisoriamente; ela fotografava sua bicicleta que levava na cestinha da parte da frente um cachorro de porte pequeno; vale ressaltar que foi a única pessoa negra vista ali nesse dia, em maio de 2023.

Atentando para os edifícios, é possível perceber uma mistura intrigante de arquiteturas distintas, cada uma carregando a marca do seu tempo, como se fosse uma viagem por diferentes épocas. Algumas construções antigas, com fachadas desgastadas pelo tempo, com certas linhas clássicas e bem ornamentadas, levando a crer que estas estruturas já foram o centro das atenções e representantes de inovação em outros tempos. Entre inúmeros prédios, erguem-se edifícios com *design* contemporâneo, com linhas limpas e minimalistas que vão contrastando com as construções anteriores. Outros edifícios, vão sendo “revitalizados” - recuperados, revividos, revigorados - para assumirem um ar moderno recebendo cores diferentes e/ou pinturas de arte urbana. Essa variedade visual é um lembrete constante da transformação da cidade ao longo dos anos e das transformações daquela região da cidade (Barra Funda, Vila Buarque, Sta Cecilia, Higienópolis).

Em outra caminhada de observação etnográfica, um sábado de junho de 2023, nosso olhar foi mais direcionado para os murais de arte urbana, que decoram as laterais de vários prédios ao longo dos 3,4 Km do elevado, e criam um contraste entre o cinza do concreto, o fenômeno temporal dos prédios, as poéticas das pinturas e as cores vivas das tintas. Cada mural expressa em sua singularidade uma mensagem, um estilo, uma identidade, uma crítica ou uma homenagem que fazem referências à cultura brasileira, à natureza, à política, à religião, ao

humor e à poesia, trazendo visibilidade à diversidade e pluralidade das questões urgentes da contemporaneidade urbana, interagindo com o público que circula pelos espaços públicos, gerando reações, reflexões e sensações. Além disso, a arte urbana transforma os espaços públicos, atribuindo-lhes novos significados, cores e formas, valorizando-os ou questionando-os. A arte urbana é uma forma de ocupar e vivenciar a cidade de maneira criativa e democrática.

Foi possível compreender como os elementos visuais se combinam para criar uma representação estilizada e expressiva, utilizando-se de formas orgânicas e complexas, as proporções, texturas e volume das figuras representadas nos murais transmitem importância e relevância do que está representado no contexto urbano. As linhas curvas e fluidas das obras convergem com as formas do elevado e denotam o dinamismo do espaço evocando um impacto positivo das abordagens visuais e da estética urbana do entorno do Minhocão, expressam memórias e identidades dos artistas e dos moradores da região, que se apropriam desse espaço público como um lugar de convivência, lazer e cultura.

As pinturas murais não estão presentes em todos os prédios do entorno do Minhocão, estão localizados em pontos distribuídos estrategicamente para, de fato, impactar visualmente a paisagem, já que ocupam laterais inteiras dos edifícios, constroem uma tensão visual, enfatizando o contraste não só das cores, mas também do visual do posicionamento das obras, o que gera uma narrativa de interação social a aproximação dos atores urbanos com as narrativas presentes nas obras.

Nos murais, observamos uma mulher negra com uma bacia de livros na cabeça, aludindo a uma lavadeira, que carrega roupas na cabeça; uma menina negra feliz, segurando um espelho; a mão de uma pessoa negra salvando outra pessoa; uma imagem da “Ave Maria” católica porém negra, segurando um extintor de incêndio (objeto modificado e utilizado por pichadores para pintar mais rápido suas expressões pela cidade) e uma mulher negra com um turbante na cabeça envolta de uma aura, como em obras de arte católicas com santos. Há também um mural de uma mulher negra representando uma enfermeira do SUS, como homenagem aos enfermeiros e enfermeiras que estavam expostos ao vírus da Covid-19 durante os tratamentos de pacientes com a doença pelo SUS. Murais que representam e apresentam de maneira positiva e buscando visibilizar grupos subalternizados como negros, mulheres, indígenas e grupos LGBTQIA+. Sobre esses últimos, pode-se ver figuras estilizadas com os dizeres “love” e “livre para amar”, remetendo à diversidade de gênero e das relações entre as pessoas, enfatizam a importância da inclusão, do respeito e da aceitação das diferentes identidades e orientações sexuais.



Imagem 1: fotos de Rodolpho Pacolla em 08/06/2023

Além disso, as obras de arte no Parque Minhocão têm um impacto cultural ao contribuir para a criação de um espaço público que representa e celebra a diversidade e a pluralidade da sociedade. Caminhar pelo Parque Minhocão, permite compreender que ali foram criados espaços públicos de expressão e participação social, que estimulam o sentimento de pertencimento e identidade dos cidadãos em espaços e territorialidades urbanos disputadas, utilizando formas artísticas e simbólicas para comunicar e sensibilizar sobre temas políticos, sociais, identitários e ambientais, que afetam a vida urbana, transformando a paisagem e o ambiente da cidade, criando novas possibilidades de interação e convivência entre as pessoas e a natureza e que se relaciona às dimensões sensíveis na cidade.

No entanto, contrasta-se fortemente com esta ambiência, a parte inferior do elevado. Numa observação de campo em junho de 2023, descemos pela primeira vez para a parte que fica embaixo e caminhamos por toda a extensão das principais vias paralelas embaixo do Minhocão – as ruas Amaral Gurgel, Consolação, Martim Francisco, Major Sertório, Graça, Albuquerque Lins, entre outras. A realidade ali é crua, decadente e precarizada, tanto no que se refere à paisagem urbana e social, como em relação às pessoas que ali vivem nas ruas.

O sol aparece pelas frestas entre os edifícios e o elevado e, portanto, uma grande sombra paira na parte inferior, desencadeando uma queda na temperatura. Observamos diversas pessoas vivendo em situação de rua, andando ou deitadas em qualquer pedaço de chão. Homens, mulheres e crianças lutam para sobreviver em meio a uma sociedade que parece tê-los abandonado, e é um lembrete doloroso de como a vida pode ser implacável com a desigualdade que corrói o tecido social. Por considerarmos invasivo fotografar, as imagens abaixo são

advindas do “Street View” do Google - que fotografa as ruas com uma câmera esférica – com imagens capturadas em 2023.



Imagem 2 – Fotos capturadas pelo Google em junho de 2023

A falta de zeladoria do poder público e o acúmulo de lixo e sujeira contribuem para uma atmosfera opressiva. O cheiro no ar é desagradável: odor de urina, mofo e outros permeiam o ambiente, criando uma sensação de desconforto e desagrado constantes. Sacos de lixo se acumulam nas calçadas, entrelaçados com a rotina urbana. É uma lembrança gritante de como a falta de infraestrutura adequada contribui para a degradação do ambiente e para a saúde precária daqueles que vivem ali. É perceptível, que em cima do elevado, o Parque é um espaço cuidado, fomentado e enaltecido; e embaixo, um espaço invisibilizado, combatido e esquecido.

Nessa experiência etnográfica, umas das coisas que mais chamaram a atenção, foi o fato de que não há bancos na parte debaixo do Parque Minhocão; mesmo nos locais onde são pontos de espera de ônibus, não há espaço para sentar-se. Isso salienta o quanto os usos e as estruturas da cidade são disponibilizados apenas para uma parcela da população; para outros, resta o descaso e esquecimento do poder público.

Há que se lembrar que estamos nos referindo a um espaço nas áreas centrais da cidade, onde milhares de carros, ônibus e pessoas passam todo dia; são espaços, portanto, bastante visíveis. Daí surge a questão que nos inquieta neste artigo: como pode ser observada e compreendida essa dicotomia entre a parte superior e inferior nessa territorialidade? Como a disparidade entre espaços públicos bem cuidados e espaços abandonados afetam a qualidade de vida na cidade? e que dinâmicas urbanas e comunicacionais se constroem em cada um destas localidades e até que ponto se conectam?

Na parte de cima, arte empoderada, ativista; embaixo grafite como protesto, pichação e muita sujeira. Na parte de cima, bancos, *puffs*, espreguiçadeiras; na parte de baixo, não há nenhum lugar para se sentar que não seja o próprio asfalto ou concreto. Na parte de cima, uma

vida voltada para o lazer, esporte, arte, cultura e bem-estar; embaixo abandono, descaso, miséria, sujeira.



Imagem 3 - Fotos retiradas da página do Instagram do Parque Minhocão em 08/06/2023



Imagem 4 - Fotos de Rodolpho Pacolla em 08/06/2023

No meio dessa caminhada, paramos em um bar de esquina, com mobiliário que remetia a outra década; contornando o espaço, subiam grades do chão ao teto. Conversando com o dono do local, ele conta que estava naquele ponto há quinze anos, e não deu muita importância ao Parque Minhocão, como se isso não afetasse a vida dele, ou que ali não houvesse um aumento no consumo nos dias que o parque funciona. Em seguida, um homem em situação de rua, carregando um cobertor e descalço, foi atendido pelo dono do bar, recebendo uma garrafa de água. É possível observar que os passantes ou pedestres andam com pressa, quase sem atentar para o entorno com cabeças baixas, ou firmes no destino de chegada, não se apreciam as coisas, afinal, o que há ali para apreciar?

Em outro dia, em junho de 2023, andamos novamente pela parte debaixo do Minhocão, numa segunda-feira de tarde. Ou seja, num dia em que o parque Minhocão (na parte de cima, não existia nem tampouco funcionava (pois só ocorre o fechamento do elevador aos veículos automotivos em fins de semana e feriados). E o cenário que se vê é o mesmo: pressa, sujeira, barracas e descaso. Algumas construções de novos edifícios surgiram, com promessas de lazer,

ótima moradia e custo-benefício. Recebemos um folder mostrando plantas do futuro apartamento à venda, contatos do corretor imobiliário, e um mapa mostrando a excelente região com diversos comércios. Vende-se a ideia de uma região maravilhosa, um lugar como um lar para famílias felizes. Conforme nos aproximamos dos tapumes da construção em questão, avistamos uma pessoa deitada em um colchão dividindo uma coberta com um cachorro, o que nos levou a pensar nas contradições explicitadas.

Territorialidades urbano-comunicacionais em conflito

Conforme Corrêa (1999), o espaço urbano é um produto social, resultado de ações acumuladas ao longo do tempo, envolvendo agentes que o produzem, usam e dele se apropriam. Esse espaço é fragmentado, articulado, condicionado, simbólico e conflituoso. Campos (2020) acrescenta que o espaço urbano não possui um significado fixo, mas é constantemente criado e moldado pelas ações não planejadas dos sujeitos, que recebem o espaço historicamente constituído e o transformam de acordo com as demandas de suas vidas sociais, lutas políticas, o que nos leva à noção de território/territorialidades (Haesbaert, 2014), como sendo âmbito constante de dimensões de poder, mas também de apropriações; algo dinâmico e vivo. No caso específico do Parque Minhocão, a dimensão criativa e lúdica é essencial para compreender como ocorre o processo de democratização de áreas privadas ou restritas da cidade, que são incorporadas pelas pessoas como espaços públicos ou coletivos (Pereira, Rett e Bezerra, 2021). Vale refletir sobre até que ponto o Parque Minhocão é um espaço coletivo de comunicação da diferença (Caiafa, 2002), que conjuga diferentes trajetórias, rotas e fluxos pessoais e coletivos da cidade. ou se torna um espaço de iguais, deixando de fora o que se passa nos seus entornos.

De acordo com Brenner (2018), as cidades desempenham um papel fundamental na produção, circulação e consumo de mercadorias. Sua organização socioespacial em constante evolução, sistemas de governança e padrões de conflito sociopolítico devem ser compreendidos à luz desse papel central. As cidades são moldadas e reorganizadas continuamente com o objetivo de aumentar o lucro e, conseqüentemente, acumular capital. Cole (2008) complementa afirmando que a cidade é estruturada por meio de uma acumulação de significados que geram cultura, e sua comunicabilidade é sempre rica, mutável e em processo de transformação. Nesse contexto, é crucial que a cidade e seus cidadãos estejam atentos às narrativas marginalizadas, aos espaços de resistência e às vozes que clamam por justiça e inclusão.

Foi inevitável perceber a dimensão conflitiva dos espaços e territorialidades urbanas, ressaltando o quanto a área do entorno do Parque Minhocão passa por disputas entre atores variados. Ao observar a paisagem urbana e a transformação do ambiente dos edifícios próximos ao Minhocão, é possível perceber que há dimensões do que Glass (1964) chama de gentrificação. Esse fenômeno ocorre quando uma região antes habitada por pessoas de baixa renda é transformada em uma área elitizada, com caros lançamentos imobiliários e toda uma dinâmica de produção e consumo cultural e material atraindo moradores e frequentadores com maior poder aquisitivo, ao mesmo tempo em que os antigos moradores são dispersos para regiões distantes. Essa mudança no perfil socioeconômico e cultural do local resulta na perda da diversidade sociocultural do espaço urbano. A gentrificação é impulsionada pela especulação imobiliária, pelos interesses do urbanismo excludente, crescimento do turismo, pelas obras públicas e pela legislação urbana, raramente considerando os interesses coletivos ou as necessidades sociais (Harvey, 2012). Pudemos observar diversos aspectos que revelam as dicotomias, como a presença de edifícios mais altos e outros mais baixos, com padrões econômicos mais ou menos elevados, em contraste com construções de décadas anteriores e, em sua maioria, decadentes. Também podemos notar a área de lazer, as obras de arte imponentes e coloridas no entorno agregando valor estético às fachadas cegas dos edifícios.

As dinâmicas e significados nas relações entre pessoas e espaços urbanos são influenciados por fatores como experiências pessoais, valores culturais, identidades sociais e arte urbana presentes nesses locais. A teoria crítica urbana, conforme Brenner (2018), vai além das concepções tradicionais sobre urbanização e aborda as configurações urbanas existentes. Ela busca criticar o poder, a desigualdade e a exploração nas cidades, revelando as estruturas de poder e dominação que perpetuam a desigualdade socioespacial e econômica. Segundo Lefebvre (2001), as desigualdades no direito à cidade são constantemente reinventadas por meio de um processo dinâmico de "explosão-implosão" e "criatividade-destruição" baseado no impulso incessante do capital em busca de lucro que desempenha um papel poderoso na produção e transformação das configurações socioespaciais urbanas. Isso destaca as contradições e desigualdades presentes na territorialidade do entorno e no Parque Minhocão, revelando as dinâmicas sociais, urbanas, políticas e econômicas que moldam os espaços urbanos e como o planejamento urbano e as práticas sociais influenciam a distribuição desigual de recursos, serviços e oportunidades nas cidades.

Os moradores de baixa renda são frequentemente marginalizados, despojados de suas comunidades e desconectados de seus laços culturais e históricos. A gentrificação resulta em um empobrecimento cultural e na perda da diversidade que torna as cidades vibrantes e únicas. É essencial que sejam adotadas abordagens urbanas mais equitativas, que considerem os impactos sociais e culturais da gentrificação. É necessário um planejamento urbano cuidadoso, que promova o desenvolvimento sustentável e inclusivo, garantindo que as comunidades de baixa renda possam permanecer nas áreas onde construíram suas vidas e preservando a diversidade e identidade.



Imagem 5 – Fotos de Rodolpho Pacolla em 14/05/2023

Os sentidos de ativismo (Fernandes et al, 2022) e a transformação do local em espaço de lazer e socialidades observadas no Parque Minhocão durante os finais de semana tem alcançado um público diverso, estimulando a reflexão sobre questões sociais e urbanas. Intervenções artísticas no espaço público são capazes de chamar a atenção e gerar discussões, expondo a realidade e convidando as pessoas a refletirem sobre as desigualdades na cidade. No entanto, a parte inferior do Parque Minhocão, onde vivem famílias em barracas, muitas vezes permanece invisível ou esquecida. Essa invisibilidade revela a falha em reconhecer e abordar a realidade social que contrasta com a imagem projetada na superfície do parque. Isso nos leva a questionar como o ativismo pode funcionar de maneira diferente em cada contexto, refletindo a desigualdade na visibilidade e a necessidade de ampliar o alcance das ações para incluir e visibilizar os grupos marginalizados.

As contradições entre a realidade social e a eficácia visual do ativismo destacam a necessidade de ir além da visualidade para repensar ações para problemas sociais. No entanto, a visualidade pode ser um instrumento poderoso para iniciar diálogos, conscientizar e buscar soluções mais justas e inclusivas. É crucial ampliar a visibilidade e o impacto das ações

artistas, abrangendo toda a diversidade da cidade e abordando a realidade social em conjunto com a arte ativista.

Conforme Fuini (2017), as formas de dominação e apropriação da sociedade no espaço se desdobram de forma subjetiva, cultural e simbolicamente. Caiafa (2017) afirma que as cidades geram um poderoso espaço de exterioridade que se opõe tanto ao interior dos espaços fechados quanto à interioridade do sujeito e essa heterogeneidade ativa dispersa focos de identidade e as recorrências do familiar, introduzindo portanto variação nos processos subjetivos. A autora complementa que a descrição da produção subjetiva nas diferentes configurações urbanas é uma tarefa da etnografia das cidades e importante para que se entenda a especificidade da experiência urbana. O contexto urbano permite explorar aspectos interessantes do problema da comunicação e dos processos comunicativos. Caiafa (2002), afirma que a cidade é a convergência de fluxos diversos que provocam um território heterogêneo, o que já configura um espaço comunicacional e portanto, o experimentar a cidade já é uma formulação de afetação de comunicação a partir desses fluxos de diferenciações.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, apresentamos aspectos de uma pesquisa ainda em desenvolvimento por meio de uma experiência etnográfica nas diferentes partes do Elevado Presidente João Goulart conhecido como "Minhocão". Exploramos as ruas adjacentes e a interação social presente nesses espaços, reconhecendo a importância de um olhar atento para compreender a cidade em sua profundidade e significado.

Pudemos perceber que o espaço público desempenha um papel fundamental como local comunicativo de encontro, convivência, diálogo e troca entre as diversas culturas e modos de vida que coexistem na cidade. A cidade se revela como uma estrutura complexa, repleta de significados e constantemente em transformação, onde as pessoas criam, vivenciam e interpretam seus espaços urbanos, refletindo suas culturas e formas de vida. Enquanto os cidadãos transitam pelos diversos meios de transporte e interagem em calçadas, linhas de trem, rodovias e avenidas, é inevitável notar a diversidade de histórias, ideias e contextos presentes. No entanto, também observamos a tendência à atitude "blasé", uma adaptação à intensidade da vida urbana, caracterizada pela objetividade, calculismo e distanciamento interpessoal, conforme discutido por Simmel (2006).

Dessa forma, utilizamos as ferramentas da antropologia, etnografia e comunicação urbana para compreender as dinâmicas e desafios presentes no ambiente urbano escolhido. A exclusão social, as desigualdades urbanas, a violência, as formas de resistência social e a diversidade cultural foram destacadas como elementos importantes a serem considerados. Por fim, nosso objetivo de contribuir para uma visão mais abrangente e profunda do ambiente urbano estudado, reconhecendo suas complexidades, desafios e potenciais transformadores. Ao compreender as narrativas urbano-comunicacionais do Parque Minhocão, buscamos promover uma análise crítica e plural dos territórios urbanos e de suas implicações socioculturais.

REFERÊNCIAS

BRENNER, N. **Espaços da urbanização: o urbano a partir da teoria crítica**. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrópoles, 2018.

CAIAFA, J.. Apresentação ao Dossiê Comunicação Urbana. **Revista Eco Pós**. v.20, n.3, 2017. p. 1-9.

_____. Comunicação e diferença nas cidades. **Lugar Comum - Estudos de Mídia, Cultura e Democracia**. n.18, 2002. p.91-101.

CAMPOS, J.P.L. Emergência urbana: criação de espaço público e o nascimento do 'Parque Minhocão' na cidade de São Paulo. **Ponto Urbe** [Online], n. 26, 2020.

COLE, A.D. A cidade em processo. **Revista Pós** n.22., 2008.

CORRÊA, R.L. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1999.

FERNANDES, C. S.; HERSCHMANN, M.; ROCHA, R. M.; PEREIRA, S. L. (orgs). **A[r]tivismos Urbanos: [sobre]vivendo em tempos de urgências**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Salina, 2022. 480 p.

FUINI, L. O território em Rogério Haesbaert: concepções e conotações. **Geografia Ensino & Pesquisa**, n.21, v.1, p.19–29. 2017.

GLASS, R.L. **London: aspects of change**. London: Mac Gibbon and Kee, 1964.

HAESBAERT, R. **Viver no limite: território e multi/transteritorialidade em tempos de insegurança e contenção**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2014.

HARVEY, D. O direito à cidade. **Lutas Sociais**, São Paulo, n.29, p.73-89. 2012.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001

PEREIRA, S.L.; RETT, L.; BEZERRA, P.M. Músicas e sons que ecoam das ruas: uma análise do evento Paulista Aberta. **E-Compós (Revista da Associação Brasileira dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação)**. v.24. 2021, p. 1-22.

RAPOSO, Paulo. Artivismo: articulando dissidências, criando insurgências. **CADERNOS DE ARTE E ANTROPOLOGIA** [Online], v.4, n.2, 2015.

ROCHA, Ana Luísa; ECKERT, Cornélia. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana”. **Rua - Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da UNICAMP**. Campinas. n. 9, 2003, p. 101-127

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da Sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.